

Foi com muito agrado que recebi o convite da Câmara Municipal da Amadora para apresentar a exposição de uma mulher, pintora, que ao longo dos anos me tem merecido cada vez mais carinho e admiração.

Ano após ano, entre o MAC – Movimento Arte Contemporânea, espaço cultural que coordeno, e a Pintora Manuela Pinheiro tem-se estabelecido uma colaboração profícua, numa relação tão próxima que ultrapassa a relação meramente profissional.

Falar da mulher é falar da pintora que há tantos anos a habita, orientando-lhe sentidos e direcções, mas buscando nela a força vital que imprime nas telas, a força das memórias, a força de uma pesquisa constante e empenhada em alcançar respostas que há muito deixaram de ser procuradas. Mas a Manuela não desiste. E procura, tela após tela, essas verdades universais que nos distinguem dos outros seres, num repertório simbólico e rico que reflecte as preocupações de quem não se cansa, de quem não se acomoda, de quem não abandona o ideal de criar um Mundo de sonho e “*affectos*”, que consiga diminuir o hiato que se estabeleceu entre o mundo material e o mundo espiritual.

É na vitalidade orgânica desses *affectos* que Manuela Pinheiro encontra a energia criativa que imprime à sua obra, composto da força e fragilidade que a caracterizam como mulher.

Marcada pela musicalidade que a pincelada exerce sobre a tela, a sua obra é fortemente marcada por um simbolismo metafórico em que o amor surge como a grande possibilidade. O amor desencadeado em noites diversas, em telas diversas, em extensas linhas sinuosas que se desenvolvem através dos corpos dos amantes, dos diálogos dos gestos que nos silêncios se fazem.

A noite, essa metáfora de desmaterialização onde se diluem as formas, anula a própria dimensão da matéria e proporciona-nos uma sublimação do que mais íntimo a obra da pintora tem para oferecer.

Regida por uma intuição tremendamente feminina, a sua linguagem imagética liberta-se pela atitude imaginária com que nos conduz ao seu universo lírico.

Universo de ternura em que o real e o onírico se cruzam, os vazios e os cheios se complementam, o reflexo e a imagem se confundem. Tudo em Manuela Pinheiro é pulção. Fascínio que toca, que perturba, que sugere, que obriga a olhar. E a cada olhar vemos o quanto nos dá.

Estamos hoje gratos, Manuela, por quão generosa tem sido em partilhar connosco tanto de si, dos seus mundos e das suas vivências tão ricas.

Bem-haja pelo tanto que nos dá.